



BOLETIM DE COMÉRCIO
EXTERIOR DA BAHIA
JULHO 2021

Desempenho do Comércio Exterior da Bahia – Julho 2021, 3

Importações, 7

Apêndice A – Julho 2021

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Balança - Brasil X Bahia
- Tabela IV - Participação do comércio exterior da Bahia no comércio brasileiro
- Tabela V - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela VI - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela VII - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela IX - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela X - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela XII - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XIII - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XIV - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XV - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XVI - Importações nordestinas por Estado
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVIII - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XIX - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XX - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos

Apêndice B – Informativo acumulado de janeiro a julho de 2019

- Tabela I - Balança comercial - Brasil
- Tabela II - Balança comercial - Bahia
- Tabela III - Exportações brasileiras - Regiões
- Tabela IV - Exportações brasileiras - Principais estados
- Tabela V - Exportações brasileiras - Nordeste por estados
- Tabela VI - Exportações baianas - Principais municípios
- Tabela VII - Exportações baianas - Fator agregado
- Tabela VIII - Exportações baianas - Principais segmentos
- Tabela IX - Exportações baianas - Principais segmentos por produtos
- Tabela X - Exportações baianas - Principais produtos
- Tabela XI - Exportações baianas - Principais países e blocos econômicos
- Tabela XII - Importações brasileiras por regiões
- Tabela XIII - Importações brasileiras - Principais estados
- Tabela XIV - Importações nordestinas por estado
- Tabela XV - Importações baianas - Principais municípios
- Tabela XVI - Importações baianas - Categorias de uso
- Tabela XVII - Importações baianas - Principais produtos
- Tabela XVIII - Importações baianas - Principais países e blocos econômicos



Governo do Estado da Bahia
Rui Costa

Secretaria do Planejamento
João Felipe de Souza Leão

Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia
Jorgete Oliveira Gomes da Costa

Diretoria de Indicadores e Estatística
Armando Affonso de Castro Neto

Coordenação de Acompanhamento Conjuntural
Arthur Souza Cruz Junior

Coordenação Editorial
Arthur Souza Cruz Junior

Elaboração Técnica
Arthur Souza Cruz Junior
Geraldo de Alencar Serra Neto (Coest)

Coordenação de Biblioteca e Documentação Normalização
Eliana Marta Gomes Silva Sousa

Coordenação de Produção Editorial Editoria Geral
Elisabete Cristina Teixeira Barretto

Editoria de Arte e de Estilo
Ludmila Nagamatsu

Revisão
Alcione Zanca

Editoração
Julio Cesar Fonseca

Tirando proveito da alta de preços generalizada das commodities, como grãos, derivados de petróleo e minérios, as exportações baianas cresceram 20,6% e alcançaram US\$ 924,1 milhões em julho, recorde da série histórica para o mês desde 2013. As importações de US\$ 384,7 milhões foram 45% maiores, também comparadas a igual mês do ano passado. No acumulado do ano, as exportações baianas somaram US\$ 5,35 bilhões com aumento de 20,4%. As importações também cresceram 51,7% e foram a US\$ 4,21 bilhões, todos sobre a mesma base de comparação.

O efeito preço puxa as exportações desde o início do ano. Enquanto o índice de preços médios subiu no ano 32,6%, o de quantum caiu 9,2%. Já nas importações, houve queda nos preços médios (-2%), mas incremento nas quantidades, que subiram (55%) favorecidas por problemas de fornecimento no mercado interno e pela baixa base de comparação.

Em julho, os preços de exportação já subiram menos que a média do ano (19,1%), enquanto que o volume embarcado já registrou crescimento positivo de 1,25%. A redução na variação dos preços é normal, já que a demanda mundial tende a se normalizar, mas até agora com viés de alta, em consonância com as últimas previsões de crescimento para a economia mundial do Fundo Monetário Internacional (FMI), de 6% para 2021.

No atual momento, existe ao menos um “miniciclo das commodities”, de dois anos na área agrícola, que poderá se estender em caso de frustrações de safra. Há uma mudança de degrau das cotações - que não vão ficar no nível atual para sempre, mas dificilmente retornarão aos patamares de anos atrás no curto prazo. Com isso, para os grãos, mesmo com o aumento de custos para safra 2021/22, deveremos ter área plantada maior, preços remuneradores e com margem positiva não só para 2021 como também para 2022. Muito provavelmente a lucratividade para o exportador será menor do que em 2021, mas mesmo assim positiva.

A indústria de transformação e extrativa puxada pelo desempenho dos derivados de petróleo e do setor químico/petroquímico teve aumento de 23,3% nas receitas em junho e de 23,1% nos embarques, ou seja, variação de preços quase nula. Apesar da pouca valorização, nesses setores, as exportações em julho sinalizaram um desempenho consistente no segundo semestre do ano.

Desde abril as vendas do setor têm tido ritmo constante de expansão, o que é notável devido aos muitos empecilhos ainda no caminho das vendas da indústria, como disparada dos fretes, dificuldade de conseguir despachar produtos em contêineres e escassez de insumos que ainda persiste em alguns segmentos. O câmbio desvalorizado também tem ajudado.

Uma mostra disso são as vendas para a Argentina, que vinham muito mal, mesmo antes da pandemia e agora registram recuperação. A base de comparação é baixa, o que explica as altas taxas de crescimento, 41% no mês e 32,3% no ano, mas não deixa de ser um fator positivo.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado com 32% de participação no ano e crescimento de 36%. É seguida por Singapura com 12,5% de participação e crescimento negativo de 10,4% e pelos EUA que estão com 11,5% de participação e crescimento alvissareiro de 22%.

As importações baianas foram de US\$ 384,7 milhões no mês passado, com alta de 45% em comparação ao mesmo período de 2020. No acumulado do ano, as importações somaram US\$ 4,21 bilhões, com crescimento de 51,7%. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece via recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de reação ainda moderada na atividade econômica.

Em julho, as compras foram puxadas principalmente pelo aumento de 71,6%, dos bens intermediários, o que demonstra o grau de problemas encontrados principalmente pela indústria na aquisição de insumos no mercado interno. Destacaram-se nessa categoria as compras de minério de cobre (876%); fertilizantes (27,2%); grafita artificial (131,2%) e borracha natural (125%). Também cresceram as importações de combustíveis (+39,8%) com destaque para o GNL – Gás natural liquefeito (100%) e óleo diesel, também com crescimento de 100%.

Há ainda muita instabilidade nas importações em função da pandemia e é difícil saber se o movimento de alta nas compras externas irá se manter, haja vista a forte redução do crescimento de junho para julho. Mesmo com uma base muito baixa de comparação, o desempenho do ano, que vem sendo comandado

pela alta dos combustíveis em 141,3%, ainda depende do câmbio e da recuperação da demanda doméstica, ditada pela pandemia.

Outro ponto que entrou no radar é o efeito da crise hídrica, que pode gerar maior importação de energia. Se a crise for mais profunda, pode afetar a retomada da economia como um todo, diminuindo a capacidade de absorção interna. Isso em tese, porque podemos também ter mais consumo com menos produção doméstica, o que resultaria em mais importação.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 32,4% até julho, totalizando US\$ 9,57 bilhões. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,14 bilhão, resultado 31,8% inferior a igual período de 2020, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações – crescimento de 51,7%, do que das exportações (20,4%).

Tabela 1 – Balança comercial Bahia – Jan.-jul. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %
Exportações	4.443.781	5.351.171	20,42
Importações	2.779.058	4.215.295	51,68
Saldo	1.664.723	1.135.876	-31,77
Corrente de comércio	7.222.839	9.566.466	32,45

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/08/2021.

Elaboração: SEI.

Obs.: importações efetivas, dados preliminares.

A economia mundial vem retomando rapidamente a atividade econômica, especialmente no setor industrial: as previsões de crescimento global deste ano e do próximo foram significativamente revistas para cima desde o primeiro trimestre. Com isso, a recuperação do comércio mundial se mantém forte, mas seu ritmo poderá ser diminuído por interrupções na cadeia de abastecimento, como a escassez de semicondutores que recentemente tem dificultado a produção de veículos. No entanto, a OMC nota que indicadores mais recentes (julho), sugerem que a recuperação das exportações e importações pode estar diminuindo, pois o índice do barômetro (usado para medir o nível das transações

comerciais pelo mundo) começou a subir a uma taxa decrescente. Em todo o caso, segundo a OMC, os resultados são consistentes com a mais recente previsão da entidade de crescimento de 8% no volume de comércio mundial de mercadorias em 2021.

Enquanto nações desenvolvidas devem completar os seus programas de vacinação contra a Covid-19 até o último trimestre deste ano, a maior parte das economias emergentes, com algumas exceções, deve ter de lidar com as restrições provocadas pela pandemia por mais tempo.

Nos países avançados, a taxa de desemprego declinou, e seu crescimento impulsiona os países emergentes por meio da retomada do comércio internacional e do forte aumento do preço das commodities. Entretanto, a falta de sincronia no ritmo de fechamento e abertura da produção ao longo das cadeias produtivas, em especial daquelas mais integradas globalmente, tem provocado escassez de matérias-primas, partes e componentes, pressionando os preços. Aliada à demanda aquecida por bens, resultado da substituição do consumo de serviços devido ao isolamento social, a escassez vem contribuindo para o aumento generalizado da inflação entre países, o que pode ser caracterizado como efeito negativo do boom das commodities.

Entretanto, é consenso que os países emergentes exportadores desses produtos estão sendo beneficiados pela alta nos preços, enquanto economias baseadas no turismo estão enfrentando uma recuperação mais lenta.

Assim, o comércio global deve se fortalecer em 2021, apesar da atividade “persistentemente fraca” do setor de serviços. Caso a pandemia siga provocando restrições sanitárias, e por consequência mine a confiança de potenciais viajantes, o comércio de serviços permanecerá “subjugado”.

A depreciação do dólar e a alta nos preços das commodities desempenharão um papel importante na recuperação do comércio global de bens, bem como das exportações nacionais. Entretanto, a recuperação global, além de desigual, enfrenta percalços que podem tornar o cenário externo bem menos favorável ao Brasil nos próximos meses. O terceiro trimestre deve apresentar uma desaceleração moderada nos dois principais motores atuais da economia mundial, Estados Unidos e China, devido à presença de um fator

comum: a rápida disseminação da variante delta da covid-19. A perda de ritmo e a combinação de distúrbios nas cadeias de produção com os movimentos da variante delta produzem efeitos perturbadores. Na China, onde duros lockdowns estão isolando algumas regiões no principal parque industrial global. Já como efeito do combate aos novos surtos de covid-19 e de um aperto nas condições financeiras para moderar expansão exagerada do crédito e do setor imobiliário, investimentos, construção de moradias e vendas no varejo perderam ímpeto em julho. Está em processo de revisão para baixo a perspectiva de que o país cresça mais de 8% em 2021.

Em julho, os preços médios dos produtos exportados pela Bahia ficaram 11,6% acima de julho de 2020, porém inferior em 20% ao mês imediatamente anterior, vivenciando queda de preços, principalmente de minerais. Isso não deve por hora, afetar de forma geral a projeção de crescimento das exportações baianas em 2021. Um ajuste nos preços de commodities já vinha sendo esperado e foi considerado em parte das atuais estimativas, embora a transmissão da variante delta do coronavírus e seu eventual efeito na demanda possa ainda nublar o quadro. Mesmo abaixo de projeções que atingiram o pico há dois ou três meses, o crescimento projetado é considerado robusto. A percepção atual é de que a queda de preços de commodities deva fazer mais diferença na balança comercial do ano que vem.

Mesmo com o provável influxo, no atual momento há uma mudança de degrau das cotações - que não

vão ficar no nível atual para sempre, mas dificilmente retornarão aos patamares de anos atrás no curto prazo.

As exportações do agronegócio no acumulado até julho atingiram US\$ 2,54 bilhões, com crescimento de 22,8% frente a igual período de 2020 e representaram 47,5% do total exportado pela Bahia no período. A soja e seus derivados lidera a pauta com 23,3% do total exportado pelo estado no período. Mesmo com a queda na quantidade exportada do complexo (grão + farelo + óleo) de aproximadamente 687,4 mil toneladas em julho de 2020 para 578,5 mil toneladas em julho de 2021, a elevação do preço médio de exportação da oleaginosa brasileira em 37,4% fez com que o valor exportado alcançasse cerca de US\$ 263 milhões.

O volume das exportações do grão foi afetado pelo recuo da demanda chinesa. Com grandes estoques de soja disponíveis e mercados oferecendo preços mais baixos para embarques no último trimestre de 2021, menores embarques globais de soja são esperados nos próximos três meses. Para o farelo de soja houve altas de volume e receita, puxadas pelas vendas à UE.

Mesmo assim, o setor, mesmo com o aumento de custos para safra 2021/22, deve ter uma área plantada maior, preços remuneradores e com margem positiva não só para 2021 como também para 2022. Muito provavelmente a lucratividade para o exportador será menor do que em 2021, mas mesmo assim positiva.

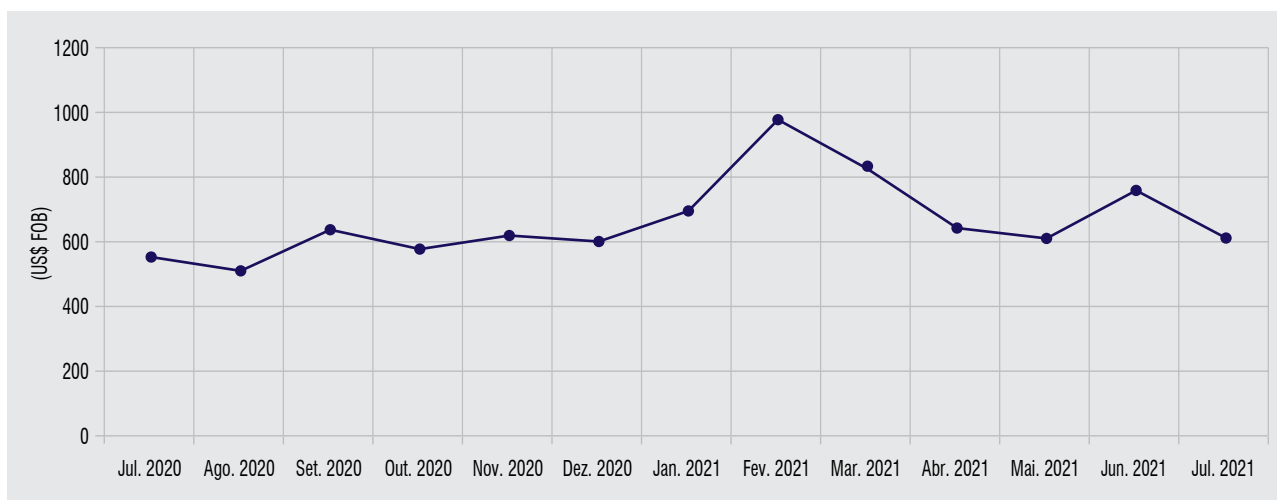


Gráfico 1 – Evolução dos preços médios de exportação – Bahia – Jul. 2020-2021

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 14/08/2021.

Elaboração: SEI.

**Tabela 2 – Exportações baianas
Principais segmentos – Jan.-jul. 2020/2021**

Segmentos	Valores (US\$ 1000 FOB)		Var. %	Part. %	Var. % Preço médio
	2020	2021			
Soja e Derivados	835.557	1.246.502	49,18	23,29	34,93
Petróleo e Derivados	799.787	748.177	-6,45	13,98	63,73
Químicos e Petroquímicos	472.294	652.911	38,24	12,20	54,35
Papel e Celulose	638.792	598.543	-8,01	11,19	-2,11
Metalúrgicos	328.376	391.773	19,31	7,32	68,41
Minerais	151.992	360.476	137,17	6,74	27,59
Metais Preciosos	280.973	299.666	6,65	5,60	-35,44
Algodão e Seus Subprodutos	204.732	295.741	44,45	5,53	8,86
Máquinas, Aparelhos e Materiais Mecânicos e Elétricos	203.194	147.105	-27,60	2,75	2,70
Cacau e Derivados	113.435	122.817	8,27	2,30	-0,99
Café e Especiarias	74.117	104.748	41,33	1,96	-5,39
Borracha e Suas Obras	56.297	89.461	58,91	1,67	-5,54
Frutas e Suas Preparações	64.883	77.378	19,26	1,45	-1,78
Sisal e Derivados	47.818	43.386	-9,27	0,81	-3,62
Couros e Peles	34.138	37.411	9,59	0,70	10,36
Calçados e Suas Partes	14.202	28.650	101,73	0,54	8,99
Carne e Miudezas de Aves	11.621	21.641	86,22	0,40	23,69
Automotivo	61.362	21.369	-65,17	0,40	-6,93
Fumo e Derivados	19.183	13.700	-28,59	0,26	-21,83
Demais Segmentos	31.027	49.715	60,23	0,93	101,27
Total	4.443.781	5.351.171	20,42	100,00	32,61

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/08/2021.

Elaboração: SEI.

Apesar do crescimento das vendas externas estarem mais evidente entre as commodities, responsável por mais de dois terços da pauta do estado, os setores da indústria mais ligados ao comportamento da economia mundial, também registram incremento, como o químico (38,2%), a metalurgia (19,3%), e o de borracha e suas obras (58,9%), além dos segmentos influenciados pelo agronegócio, porquanto conseguem mostrar mais dinamismo e escapar do comportamento mais tímido daqueles ligados ao mercado doméstico. A recuperação da economia mundial ajuda o agronegócio e a indústria de base. E o agro mobiliza, no caso, da Bahia, as compras de bens de consumo tanto no mercado interno, quanto no externo (crescimento de 26,8% até julho), irradiando os benefícios por toda a economia.

Desde abril as vendas de produtos manufaturados têm tido ritmo constante de expansão, o que é notável devido aos muitos empecilhos ainda no caminho

das vendas da indústria, como disparada dos fretes, dificuldade de conseguir despachar produtos em contêineres e escassez de insumos que ainda persiste em alguns segmentos. O câmbio desvalorizado também tem ajudado.

Uma mostra disso são as vendas para a Argentina, que vinham muito mal mesmo antes da pandemia e agora registram recuperação. A base de comparação é baixa, o que explica as altas taxas de crescimento, 41% no mês de julho último e de 32,3% no ano, mas não deixa de ser um fator positivo.

A China permanece liderando como principal mercado para as vendas externas do estado com 32% de participação no ano e crescimento de 36%. É seguida por Singapura com 12,5% de participação e crescimento negativo de 10,4% e pelos EUA que estão com 11,5% de participação e crescimento alvissareiro de 22%.

As importações baianas foram de US\$ 384,7 milhões em julho, com alta de 45% em comparação ao mesmo mês de 2020. No acumulado do ano, as importações somaram US\$ 4,21 bilhões, com crescimento de 51,7%. Apesar do efeito da base baixa de comparação, a maior demanda por bens importados acontece via recomposição de estoques pela indústria, em um ambiente de escassez interna de suprimentos e de reação ainda moderada na atividade econômica.

As compras externas no ano seguem puxadas pelos combustíveis, tanto no semestre (148,8%) como no acumulado até julho (aumento de 141,3%), sempre comparadas com o mesmo período do ano passado. Também houve incremento nas compras dos bens intermediários, que no semestre avançaram 35,7% e até julho, tiveram incremento de 38,1% com destaque para minério de cobre (36,8%), cacau em grão (29,3%), óleos de palmiste (120%), fertilizantes (42%) e grafita artificial (23%).

Os bens de consumo também registraram crescimento de 26,8%, principalmente de Células solares em módulos ou painéis (1.290%) e fritadoras eletrotérmicas (235%). Isso aconteceu mesmo com câmbio depreciado, porque o desabastecimento também contribuiu para elevar preços no mercado interno.

Outro ponto que precisa estar no radar, é o efeito da crise hídrica, que pode gerar maior importação de energia. Se a crise for mais profunda, pode afetar a retomada da economia como um todo, diminuindo a capacidade de absorção interna. Isso em tese, porque podemos também ter mais consumo com menos produção doméstica, o que resultaria em mais importação.

Ainda há muita instabilidade em função da pandemia e é difícil saber se o movimento de alta irá se manter. A continuidade e ritmo desse movimento ainda dependam do câmbio e da recuperação da demanda doméstica.

Tabela 3 – Importações baianas por categorias de uso – Jan.-jul. 2020/2021

(Valores em US\$ 1000 FOB)

Discriminação	2020	2021	Var. %	Part. %
Bens intermediários	1.643.801	2.269.498	38,06	53,84
Combustíveis e lubrificantes	631.506	1.524.026	141,33	36,15
Bens de capital	395.400	288.231	-27,10	6,84
Bens de consumo duráveis	47.411	70.375	48,44	1,67
Bens de consumo não duráveis	57.868	63.164	9,15	1,50
Bens não especificados anteriormente	3.073	2	-99,94	0,00
Total	2.779.058	4.215.295	51,68	100,00

Fonte: MDIC/SECEX, dados coletados em 05/08/2021.

Elaboração: SEI.

OBS.: importações efetivas, dados preliminares.

Outro ponto que precisa estar no radar, é o efeito da crise hídrica, que pode gerar maior importação de energia. Se a crise for mais profunda, pode afetar a retomada da economia como um todo, diminuindo a capacidade de absorção interna. Isso em tese, porque podemos também ter mais consumo com menos produção doméstica, o que resultaria em mais importação.

A corrente de comércio do estado, que demonstra o grau de integração da economia ao fluxo internacional, avançou 32,4% até julho, totalizando US\$ 9,57 bilhões. Esse indicador é considerado importante, porque mede o dinamismo do comércio exterior do estado, bem como sua contribuição para o ritmo da atividade econômica. Já o saldo comercial do estado no período chegou a US\$ 1,14 bilhão, resultado 31,8% inferior a igual período de 2020, resultado do avanço, este ano, proporcionalmente maior das importações – crescimento de 51,7%, do que das exportações (20,4%).



SECRETARIA DO
PLANEJAMENTO

